

MORTE E VIDA APÓS A MORTE: o que diz o livro do Eclesiastes

Erica L. Ziegler

O livro do Eclesiastes é bastante anterior à fase do apocalipsismo e, com isso, do surgimento de concepções escatológicas (no que se refere à possibilidade de vida após a morte ou de ressurreição do corpo). Ele ainda se debate com o hedonismo helenista e o *carpe diem* romano, os quais pregam a importância do prazer terreno e imediato, sem pensar no futuro e na morte; estes são fatores desconhecidos e, por isso, suficientemente amedrontadores para serem reprimidos – ou mesmo eliminados – da maioria das formas de viver e de ver o mundo.

As reflexões sobre a morte e o que poderia vir depois sempre existiram em todas as culturas e em todos os tempos, e no entorno geográfico do livro do Eclesiastes a *Epopéia de Gilgamesh* é um bom exemplo para verificar isso. Entre os egípcios, o *Livro dos Mortos* fazia parte do conhecimento fundamental que organizava essas reflexões.

Quanto ao livro do Eclesiastes em si, ele se dedica mais ao que vem imediatamente antes da morte: o envelhecimento e, com ele, a decadência física que traz a clareza da fragilidade e fugacidade da vida. A preocupação do Ecl com uma vida vivida em dignidade é intensa a ponto de sugerir alguma concepção sua sobre o que viria após a morte, embora ele não chegue a expressar essas idéias nesse sentido. Sua imagem de Deus é a de alguém que “cobra” responsabilidade pelo decorrer da vida, fazendo com que pareça possível alguma conseqüência pós-morte, uma vez que a vida bem vivida adquire tanta importância.

Por outro lado, o Ecl lamenta que o ser humano seja frágil e inconsistente, tornando-se vítima do desaparecimento físico e espiritual (embora, para ele, a morte esteja integrada no ciclo natural da vida), e que sua memória se vá com sua morte física, nada restando de seus esforços em seu caminho terreno. Isso faz parecer que ele nem teria, na verdade, condições de supor alguma continuação após a morte, a não ser a existência do Deus a quem se tem de prestar contas para ter uma velhice abençoada e uma morte tranqüila.

Talvez se possa avaliar essa posição dúbia do Ecl da seguinte forma:

Graças à sua presença constante, emana da morte, como única possibilidade afirmada, uma inquietação permanente sobre a vida. Mas, inversamente, a própria vida é a inquietação da morte. E é preciso considerar ambos os lados, sempre que for necessário responder satisfatoriamente às perguntas provocadas pela morte¹.

1. Otto KAISER, Eduard LOHSE, *Tod und Leben*, p. 27.

A verdadeira sabedoria, neste caso, não é ter respostas para todas as coisas, e sim saber viver *apesar de tudo*, inclusive da morte e da aparente falta de sentido da vida. Mas, embora a morte seja considerada tão negativa pelo Ecl quanto por qualquer outra pessoa, ele busca uma saída:

[...] não se pode deixar de notar, nesse contexto, que dois assuntos têm um papel importante, a morte e a alegria. Eles não podem ser contrapostos um ao outro durante a exegese, como acentua, com razão, F. Kutschera: “Ali onde se enfatizam a morte e a vaidade, facilmente se apaga [...] a alegria – da mesma forma como se apaga a morte onde se enfatiza a alegria. Mas me parece que a importância do livro [...] está justamente na intensidade da consciência da morte e da alegria de viver, e no fato de que ambas as coisas existem lado a lado e com o mesmo peso”².

E, diferentemente de Jó, o qual faz a pergunta – “Qual é o sentido do sofrimento?”, o Ecl centraliza a questão num tema muito mais amplo – “Qual é o sentido da vida?” –, englobando mais aspectos do questionamento humano diante de Deus e da existência³. A morte não é vista, aqui, como castigo merecido para quem viveu de modo ímpio. Ela é a consequência natural da velhice – esta, sim, colocada sob a condição de se viver sempre lembrando do Criador, e na consciência de que de tudo se há de prestar contas a Deus em algum momento (cf. Ecl 11,9–12,7). A morte é o fim do processo de envelhecimento, mas ela não recebe uma valoração por si só. Ela faz parte do ciclo natural de vida de todos os seres criados por Deus, a quem ele dá e de quem ele tira o alento vital (cf. Ecl 12,7). A pergunta pelo sentido da vida adquire outra conotação, e sugere uma busca pela superação dos problemas mais sérios e profundos da existência – nos quais a morte não está necessariamente incluída, e sim o *modo de vida* que leva a ela –, atribuindo à tristeza e à felicidade igual importância no conjunto dos fatores que fazem a vida ser vivida com dignidade.

Para ilustrar essa avaliação, tome-se o exemplo de Ecl 9,1-10: essa passagem está construída de forma a que se possa ligar sua argumentação ao termo *esperança*: os v. 1-4 falam da morte como aquela que tudo anula na vida do ser humano, terminando com a constatação de que “um cão vivo é melhor que um leão morto”; segue-se uma observação de cunho irônico sobre a vantagem dos vivos sobre os mortos, porque os vivos pelo menos sabem que vão morrer, enquanto os mortos não sabem mais nada (v. 5). Porém, os versículos subsequentes (7-10) mostram claramente que o Ecl também se refere a Deus e à esperança por uma vida abençoada por ele quando o ser humano assume uma atitude de temor/respeito⁴.

A idéia de que, com a morte, tudo desaparece e este mesmo ser humano aceito por Deus voltará a ser o pó que era antes de sua criação é reforçada pela menção ao *sheol*: nada existe ali que possa preservar a memória do ser humano (cf. v. 10) – não restando nada, portanto, de todas as obras feitas “debaixo do sol”. Tal como em Jó 7,7-10, o

2. Tilmann ZIMMER, *Zwischen Tod und Lebensglück*, p. 1.

3. Dianne BERGANT, *Job and Ecclesiastes*, p. 228.

4. Walther ZIMMERLI, *Der Mensch und seine Hoffnung im Alten Testament*, p. 28-29.

sheol é descrito como um reino de silêncio e esquecimento, e o Ecl parece concordar com essa imagem⁵. A partir dessa compreensão, o *sheol* seria a expressão contrária do *tāhāt hašēmēš*. Enquanto a expressão *sheol* passa a idéia do “nada”, o *tāhāt hašēmēš* representa a vida diária, concreta, o trabalho visível e muitas vezes penoso. O Ecl dá a impressão de que, da mesma forma como o trabalho “debaixo do sol” é a parte visível da vida do ser humano, existe outra esfera oculta, desconhecida – o *sheol*. Ele reflete sobre o dilema de ter de aceitar que, após a morte física, o ser humano vá parar no *sheol* e com isso termine tudo. Mas o próprio Ecl se volta contra as conseqüências desse raciocínio, porque ele produz apatia e falta de interesse pela vida.

Por outro lado, a saída para esse dilema também poderia ser a fuga para uma alegria inconseqüente e infantil, que não se preocupa com nada, como forma de dissimular a angústia da vida nessas circunstâncias:

[...] não se consegue encontrar uma relação causal entre o trabalho e o seu resultado, nem entre o comportamento de alguém e a sua fé. O Eclesiastes propõe uma solução prática: goze as coisas boas da vida, aprecie as pessoas com quem você convive, aprecie seu alimento e o vinho. Mas isso não quer dizer que o Eclesiastes seja um pregador da alegria. [...] A alegria não é um narcótico ou uma droga para manter o povo alienado. O Eclesiastes exorta o povo para a fruição porque não há lucro certo, nem ganho permanente. O fato de você poder fruir de alguma coisa é sua porção na vida. Então, por favor, assuma essa porção e aprecie-a⁶.

A importância dessa citação está no alerta de que a alegria não é um “narcótico”. De fato, o que o Ecl procura evitar é refugiar-se em soluções falsas e ilusórias. Partindo do não-saber acerca do futuro e da morte, o Ecl propõe uma reflexão baseada na pergunta: “Quem sabe o que é bom para o ser humano?” Esta pergunta está alicerçada sobre dois termos básicos: *saber* e *bom*⁷: do cap. 1 ao 6 trabalha-se a questão do *saber*, enquanto a segunda metade do livro se ocupa em identificar o que é *bom* para o ser humano. Ecl 6,12 poderia ser o versículo central que separa a maneira de perguntar do Ecl em dois blocos argumentativos⁸: “a) Quem sabe *o que convém* ao homem durante a sua vida, ao longo dos dias contados de sua vida de vaidade, que passam como sombra? b) Quem anunciará ao homem *o que vai acontecer depois dele debaixo do sol?*”

A preocupação acerca do que acontecerá ao ser humano “depois dele” parece estar sendo relativizada através desta subdivisão, embora esteja bastante presente. Chama a atenção que, paralela a esta preocupação, aparece sempre a pergunta “quem anunciará...?”, como se o ser humano necessitasse de constantes admoestações e advertências sobre o seu futuro. A constatação que se faz aqui é que não há ninguém mais qualificado que o próprio Deus para levar a cabo este anúncio (Ecl 1,1s).

5. Kathleen FARMER, *Who knows what is good*, p. 204.

6. Ellen van WOLDE, in: *Concilium* 2000/4, Editorial. Disponível em <http://www.itf.org.br/index.php?pg=revistas2&id=3>, acesso em 10 abr. 2004.

7. K. FARMER, *op. cit.*, p. 151.

8. *Ibid.*, p. 151.

A questão do *saber* enquanto *ciência* retorna nessa discussão acerca do cap. 6 do livro do Eclesiastes. Coloca-se em xeque a quem pertence a sabedoria última, ao perguntar: “quem anunciará?” Pois, para anunciar, há que se ter a plenitude do conhecimento. E quem tem a plenitude do conhecimento, senão Deus? Dessa maneira, responde-se à pergunta eterna contida nesse capítulo: não será o ser humano que satisfará a angústia causada pelas questões atemporais e universais. É necessário entrar numa outra esfera da existência para conhecer – ou não, uma vez que ninguém sabe o que acontece quando se morre. Anulam-se assim todas as conjecturas inúteis, na visão do Ecl. E é a partir desse reconhecimento que a vida pode ser prazerosa, uma vez que as preocupações básicas estão resolvidas por si mesmas, dada a impossibilidade de sua resolução.

O teólogo Saadia Gaon resume assim os conteúdos do livro do Eclesiastes:

1. O ser humano foi criado somente como um morador temporário neste mundo.
2. Salomão acumulou mais riqueza e bens que qualquer outra pessoa poderia esperar para si mesma e, apesar disso, no final teve de desistir de tudo. A humanidade tem de aprender com isso, e não tentar acumular objetos inúteis, mas somente coisas boas, de forma que se possa estar bem preparado para a última e decisiva viagem.
3. Há uma diferença entre sabedoria e insensatez, e é melhor escolher a sabedoria.
4. Deve-se temer a Deus e observar os mandamentos dados à humanidade através de seus profetas.
5. Nesse mundo, uma pessoa é recompensada pela honestidade, e isso garante uma boa posição numa existência futura. Os pecadores também são parcialmente punidos nesse mundo. Por isso, dever-se-ia levar deste mundo somente aquilo que supre as necessidades mínimas, escolhendo, ao invés, tornar-se pleno do temor de Deus e dos caminhos divinos⁹.

Algumas leituras interessantes em português para ampliar esta reflexão:

ASENSIO, Víctor Morla. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: AM, 1997. (Série Introdução ao Estudo da Bíblia, v. 5).

AZEVEDO, Josimar. A morte em tempos de apocalipses. *Estudos Bíblicos* n. 56. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, Airton José da. Judaísmo e helenismo – encontro e conflito. In: *Estudos Bíblicos* v. 48. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1996, p. 9-18.

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. O homem e a existência na literatura sapiencial. *Estudos Bíblicos* n. 48. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes, 1996, p. 19-24.

9. Saadia GAON, Hovot Halevavot. In: CORRÉ, Alan. *Qoheleth*. Milwaukee: University of Wisconsin (s.ed., s.d.) Disponível em <http://corre@csd.uwm.edu>, acesso em 20 abr. 05.

- CAMPOS, Haroldo de. *Qohélet/O-Que-Sabe – Eclesiastes, um poema sapiencial*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- GLASSER, Étienne. *O processo da felicidade por Coélet*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- LÍNDEZ, José Vílchez. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo: Paulus, 1999.
- MARCHADOUR, Alain. *Morte e Vida na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- NICCACCI, Alviero. *A casa da sabedoria. Vozes e rostos da sabedoria bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- RAVASI, Gianfranco. *Coélet. Pequeno Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- RICHARD, Pablo. *Leitura popular da Bíblia na América Latina (Hermenêutica da libertação)*. *RIBLA* n.1 – 1988/1. Petrópolis: Vozes / São Paulo: Imprensa Metodista / São Leopoldo: Sinodal, 1988.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago (s.d.).
- SCHWANTES, Milton. *Caminhos da Teologia Bíblica. Estudos Bíblicos* 24/1989. São Leopoldo: Sinodal / Petrópolis: Vozes / São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1989.
- STORNILO, Ivo. *Trabalho e felicidade. O Eclesiastes*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SILVA, Rafael Rodrigues da. “Uma reflexão acerca das medidas econômicas dos impérios e a resistência do povo nos tempos bíblicos, como luz para o ‘Não Latino-Americano’ ao Projeto da ALCA”. Disponível em <http://www.metodista.br/biblica> n. 2 – out/nov 2002, acesso em 18 mar. 2004.
- GAON, Saadia. *Hovot Halevavot*. In: CORRÉ, Alan. *Qoheleth*. Milwaukee: University of Wisconsin (s.ed., s.d.) Disponível em <http://corre@csd.uwm.edu>, acesso em 20 abr. 05.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. *A lei, a fadiga e o vazio no livro de Eclesiastes*. Disponível em <http://www2.metodista.br/biblica/biblistas/biblistas.htm>, acesso em 26 mai. 04.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. *Que proveito tem o homem de seu trabalho debaixo do sol?* Disponível em http://sites.uol.com.br/jorgelrg/jorge/lrg/queproveito.htm_edn6, acesso em 10 out. 2001.
- MURCHO, Desidério. *Filosofia e exegese*. Disponível em <http://critica.no.sapo.pt/index.html>, acesso em 12 out. 2001.
- van WOLDE, Ellen. *Concilium* 2004/1. Editorial. Disponível em <http://www.itf.org.br/index.php?pg=revistas2&id=3>, acesso em 03 abr. 2004.

Bibliografia utilizada neste artigo

BERGANT, Dianne. *Job, Ecclesiastes*. Collegeville/Minnesota: The Liturgical Press, 1982.

FARMER, Kathleen A. *Proverbs and Ecclesiastes: Who knows what is good?* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1991.

GAON, Saadia. Hovot Halevavot. In: CORRÉ, Alan. *Qoheleth*. Milwaukee: University of Wisconsin (s.ed., s.d.). Disponível em <http://corre@csd.uwm.edu>, acesso em 20 abr. 05.

KAISER, Otto, LOHSE, Eduard. *Tod und Leben*. Stuttgart: Kohlhammer, 1977.

van WOLDE, Ellen. In: *Concilium* 2000/4, Editorial. Disponível em <http://www.itf.org.br/index.php?pg=revistas2&id=3>, acesso em 10 abr. 2004.

ZIMMER, Tilmann. *Zwischen Tod und Lebensglück*. Eine Untersuchung zur Anthropologie Kohelets. Berlin: Walter de Gruyter, 1999.

ZIMMERLI, Walther. *Der Mensch und seine Hoffnung im Alten Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968 (Série Kleine Vandenhoeck-Reihe, v. 272 S).

Erica L. Ziegles